

## **Disputas narrativas e remix no TikTok: os vídeos de Nikolas Ferreira e Erika Hilton sobre a “crise do Pix”**

*Narrative disputes and remix on TikTok:  
the videos of Nikolas Ferreira and Erika Hilton on the “Pix crisis”*

**\*Marcus de Arruda Marinho<sup>1</sup>**

Universidade Federal do Maranhão – Imperatriz/Maranhão  
marcus.arruda.a@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0008-7374-5114>

**\*Marcelli Alves da Silva<sup>2</sup>**

Universidade Federal do Maranhão – Imperatriz/Maranhão  
marcelli.alves@ufma.br

 <https://orcid.org/0000-0002-8014-3946>

**\*Thaísa Cristina Bueno<sup>3</sup>**

Universidade Federal do Maranhão – Imperatriz/Maranhão  
thaisa.bueno@ufma.br

 <https://orcid.org/0000-0002-7048-3920>

**RESUMO:** Este artigo investiga o *remix* como uma peça comunicacional que se destaca pela montagem e combinação de mídias, ressignificando conteúdos a partir da lógica das redes sociais, com foco na plataforma TikTok. A pesquisa analisa o caso da “crise do Pix”, marcada por confrontos entre parlamentares como Nikolas Ferreira (Partido Liberal - PL) e Erika Hilton (Partido Socialismo e Liberdade - PSOL), cujas declarações impulsionaram a criação de vídeos *remixados*. Foram selecionados sete vídeos, analisados quanto às suas características de edição e intencionalidade discursiva, observando as representações contrastantes com as mídias originais. A análise revelou que as estratégias narrativas por trás do *remix* se tornam evidentes na escolha e combinação de imagens, áudios e vídeos com o objetivo do criador. A pesquisa conclui que o *remix* redefine os papéis de produtor e

<sup>1</sup> Mestrando em Comunicação no PPGCOM de Imperatriz. Graduado em Jornalismo.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação pela UNB. Mestra em Agronegócio pela Uniderp. Graduada em Jornalismo pela UFMS. Professora permanente do PPGCOM em Imperatriz.

<sup>3</sup> Doutora em Comunicação pela PUB-RS. Mestra em Letras pela UFMS de Três Lagoas (MS). Graduada em Jornalismo pelo UFMS. Docente permanente do PPGCOM de Imperatriz.

espectador, promovendo uma cultura participativa e descentralizada, consolidando-se como uma ferramenta estratégica na circulação de discursos no ambiente digital.

**Palavras-chave:** Remix. Comunicação. Mídias digitais. Cultura participativa. Desinformação.

**ABSTRACT:** *This article investigates the remix as a communicational piece that stands out through the editing and combination of media, re-signifying 128ídeos128e based on the 128ídeos128e social networks, with a focus on the TikTok platform. The research analyzes the case “Pix crisis,” marked by confrontations between lawmakers such as Nikolas Ferreira (PL) and Erika Hilton (PSOL), whose statements triggered the creation of remixed 128ídeos. Seven 128ídeos were selected and analyzed based on their editing characteristics and discursive intentionality, observing representations in contrast to the original media. The analysis revealed that the narrative strategies behind the remix become 128ídeos128e in the choice and combination of images, 128ídeos, and 128ídeos to achieve the creator’s purpose. The research concludes that the remix redefines the roles of producer and viewer, promoting a participatory and decentralized culture, solidifying itself as a strategic tool in the circulation of discourse in the digital environment.*

**Keywords:** Remix. Communication. Digital media. Participatory culture. Misinformation.

Recebido em: 21/01/2026

Aprovado em: 31/08/2026

---

## INTRODUÇÃO

O *remix* é uma das manifestações mais evidentes da lógica comunicacional contemporânea, marcada pela fragmentação, reorganização e ressignificação de conteúdos em novos contextos. No ambiente digital, especialmente nas plataformas de redes sociais, essa prática ganha potência ao permitir que elementos midiáticos sejam apropriados, manipulados e redistribuídos de forma ágil e interativa. Trata-se de um processo não linear que rompe com a lógica tradicional da comunicação de massa, deslocando o protagonismo para os usuários, agora produtores e curadores de sentidos.

Na indústria fonográfica, o *remix* se consolidou como estratégia criativa e estética, mas suas aplicações extrapolaram os limites da música e se expandiram

para o audiovisual, para as artes visuais e, mais recentemente, para a comunicação digital. Com a popularização de plataformas como Instagram e TikTok, a *remixagem* tornou-se uma funcionalidade nativa e incorporada ao cotidiano da experiência comunicativa *online*. Nesses espaços, os conteúdos ganham nova vida em montagens que ironizam, contradizem ou reforçam discursos, configurando-se como práticas culturais de reinterpretação.

No campo político, o *remix* digital emerge como ferramenta de disputa simbólica e ideológica, sobretudo em contextos de polarização. Por meio da apropriação e reconstrução de discursos, memes e vídeos *remixados* servem tanto para informar quanto para desinformar, operar críticas ou promover figuras públicas. Esse fenômeno revela o uso estratégico da linguagem digital para interferir no debate público, tensionando fronteiras entre informação, sátira e manipulação.

Este estudo analisa a apropriação do *remix* na comunicação política digital, a partir do estudo de caso da chamada “crise do Pix” — episódio que ganhou notoriedade em janeiro de 2025, quando parlamentares de diferentes espectros ideológicos, como Nikolas Ferreira (Partido Liberal - PL) e Erika Hilton (Partido Socialismo e Liberdade- PSOL), protagonizaram embates públicos sobre uma suposta taxaço do sistema de pagamentos. O episódio, amplamente repercutido nas redes sociais, gerou uma onda de vídeos *remixados* que reelaboraram discursos e imagens, criando novas camadas de sentido e intensificando o conflito político.

Embora o *remix* já seja amplamente discutido como prática de apropriação, recombinação e ressignificação de conteúdos, sua inserção em plataformas de vídeos curtos introduz novas questões para o campo da Comunicação. Nesses ambientes, a produção de sentidos não depende apenas das operações realizadas pelos usuários sobre materiais preexistentes, mas também das lógicas de circulação, visibilidade e recomendação próprias das plataformas. Nesse contexto, torna-se relevante compreender como a *remixagem* audiovisual participa de disputas narrativas políticas em ambientes digitais marcados pela circulação acelerada de conteúdos e por processos de desinformação.

A partir dessa problemática, este estudo é orientado pela seguinte questão de pesquisa: como as práticas de *remix* no TikTok reconfiguram sentidos e

participam das disputas narrativas estabelecidas em torno da chamada “crise do Pix”? O objetivo geral é analisar como recursos característicos do remix são mobilizados na construção e na circulação de narrativas audiovisuais relacionadas ao episódio, observando as estratégias de edição, ressignificação e articulação entre diferentes materiais midiáticos. De modo complementar, busca-se identificar de que maneira essas operações podem reforçar, contestar ou recontextualizar discursos políticos em circulação.

A relevância do estudo reside, portanto, não apenas na atualidade do episódio analisado, mas na possibilidade de discutir o remix como prática de mediação política em plataformas digitais. Ao articular as dimensões estética, narrativa, discursiva e circulatória da remixagem, o artigo pretende contribuir para os estudos de Comunicação Digital ao evidenciar como conteúdos preexistentes são reorganizados em novas unidades comunicacionais capazes de disputar interpretações, mobilizar repertórios culturais e interferir na circulação de narrativas políticas. O caso da “crise do Pix” funciona, nesse sentido, como um recorte empírico para observar processos mais amplos de reconfiguração dos sentidos no ambiente plataformizado.

## **1. REMIX NA COMUNICAÇÃO**

As mídias no ambiente digital apresentam tamanha volatilidade que seu uso não se restringe a uma única função, estando constantemente envolvidas em processos de recriação. Na indústria musical, essa capacidade de reinvenção é conhecida como *remix*. Ao trazer esse conceito para o campo da comunicação, propõe-se uma abordagem em que as mídias, ao serem fragmentadas, reorganizadas e ressignificadas, também possam ser compreendidas sob essa denominação, integrando tais características como parte de uma nova lógica comunicacional.

Em um *remix*, as transformações da música original levam a novas obras criativas que são visivelmente diferentes da original. As mudanças podem

ser sutis, mas um *remix* é sempre distinguível da fonte. Se não se consegue diferenciar o *remix* do original, então nada significativo foi feito (Arroyo, 2008, p.10).

De acordo com Navas (2012), a cultura do *remix* não se origina exclusivamente da indústria fonográfica; ela tem suas raízes em práticas artísticas e culturais anteriores. Nas artes plásticas, por exemplo, o dadaísmo, no início do século XX, popularizou o uso da colagem, recombinao imagens e textos. Na música, DJs como Tom Moulton introduziram o conceito de *remix* ao manipular fitas multifaixas para criar novas versões de músicas, destacando-se também as técnicas de *sampling* desenvolvidas nos anos 1980.

No campo audiovisual, artistas como Nam June Paik exploraram a manipulação de imagens televisivas para criar composições visuais e sonoras que dialogavam com o conceito de *remix*. No cinema, diretores como Jean-Luc Godard praticaram o *remix* narrativo ao integrar referências culturais e estilísticas de diferentes épocas em suas obras.

Atualmente, a tecnologia e a ampla difusão das redes sociais permitem que essas práticas de *remix* sejam incorporadas a diversos tipos de mídias na comunicação. Esse fenômeno nos leva a considerar tais criações como expressões de experimentação e ressignificação de conteúdo. Nesse contexto, o *remix* exemplifica uma dinâmica de integração de elementos estéticos e funcionais com o objetivo de construir novos significados.

Santaella (2022, p.7) discute essa interseção ao afirmar que “a impossibilidade de separação entre as comunicações e as artes [...] veio crescendo através dos últimos séculos para atingir um ponto culminante na contemporaneidade”. Trata-se de uma relação que se estabelece por meio de apropriações mútuas, nas quais “as artes utilizam os dispositivos tecnológicos das comunicações como meio de produção, enquanto os meios de comunicação incorporam elementos das artes para enriquecer suas práticas e ampliar sua eficácia cultural”.

Para caracterizar o *remix* dentro do campo da comunicação, é importante compreender sua estrutura e narrativa. No que se refere à estrutura, Manovich (2005) argumenta que ela é identificada pela modularidade computacional, que transforma

elementos culturais em “blocos”, os quais podem ser facilmente reutilizados, criando um ambiente em que adaptação, reuso e cocriação tornam-se práticas naturais. Nesse cenário, a flexibilidade técnica e a abertura à produção de conteúdo colaborativo estimulam a descentralização da criação, redefinindo os papéis tradicionais de emissor e receptor.

Em relação à narrativa, o conceito de transmídia contribui para entender como o *remix* se comporta e que tipo de apresentação discursiva ele assume nas redes sociais. Segundo Jenkins (2009), a transmídia permite que conteúdos se desdobrem entre diferentes mídias, oferecendo novas perspectivas sobre um mesmo tema, sem necessariamente exigir um consumo linear. A distinção entre os conceitos de transmídia e *remix* reside na aplicação: o *remix* é a peça comunicacional, enquanto a transmídia configura-se como uma estratégia, geralmente utilizada dentro do próprio *remix*.

A narrativa transmidiática refere-se a uma nova estética que surgiu em resposta à convergência das mídias, uma estética que faz novas exigências aos consumidores e depende da participação ativa de comunidades de conhecimento [...] os consumidores devem assumir o papel de caçadores e coletores, perseguindo pedaços da história pelos diferentes canais [...] (Jenkins, 2009, p. 47).

Jenkins (2009) faz essa afirmação ao observar o cenário do entretenimento e como a série *Survivor* (2000) recebe intensa participação dos usuários nas redes, especialmente por meio da prática conhecida como *spoiling* – a busca por pistas e informações sobre novas temporadas antes de sua exibição oficial. É nesse contexto que a discussão de Jenkins oferece um olhar atento ao comportamento por trás da transmídia, revelando um público ativo, que coleta mídias nas redes e, ao fazê-lo, atravessa a lógica da produção de *remix*, ao utilizar conteúdos oriundos da televisão, do rádio e da própria internet.

Compreendemos, portanto, que essa narrativa é moldada para ser entendida de forma híbrida, por meio do cruzamento de “textos”. Múltiplas referências são utilizadas na criação desses produtos comunicacionais, evidenciando o diálogo contínuo entre formatos e plataformas. Esse processo fica evidente ao analisarmos sua construção. Caracterizado pela modularidade, como discutido anteriormente, o *remix*

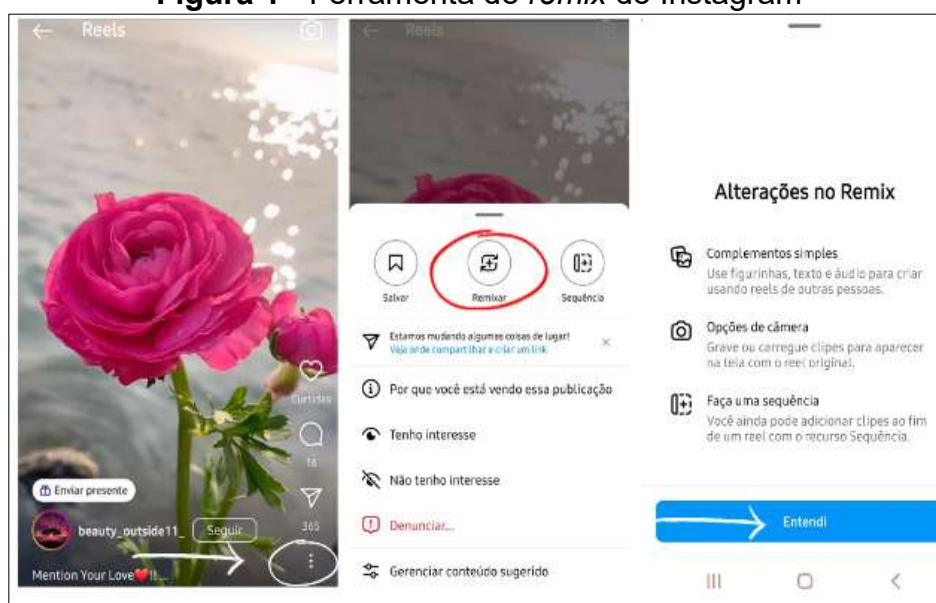
fragmenta conteúdos em elementos independentes, permitindo que partes de uma obra sejam reutilizadas, combinadas e ressignificadas. Dessa forma, constroem-se novas narrativas *cross-midiáticas* que redirecionam seu significado e ampliam sua potência discursiva.

## 2. A LÓGICA DO REMIX NAS PLATAFORMAS DIGITAIS

Atualmente, plataformas como Instagram e TikTok oferecem ferramentas que permitem aos usuários *remixar* conteúdos de maneira acessível e interativa. Diferentemente da *remixagem* artística tradicional – muitas vezes complexa e abstrata –, o *remix* digital democratiza o processo criativo, transformando qualquer usuário em um potencial produtor de conteúdo.

A função “*Remixar*”, no Instagram (Figura 1), possibilita a reinterpretação e a expansão de conteúdos já publicados, enquanto o recurso “Dueto”, no TikTok, estimula a interação por meio de vídeos que complementam ou contestam materiais originais. Assim, o papel do usuário nesses espaços digitais deixa de ser o de espectador passivo e passa a ser o de participante ativo, capaz de criar conteúdos a partir de produções de terceiros.

**Figura 1 - Ferramenta de *remix* do Instagram**



Fonte: Reprodução da Web

Descrição: Sinalização do recurso “*remixar*” na aba inferior direita.

Além das possibilidades de *remixagem* e interação, as próprias plataformas oferecem ferramentas que facilitam a edição de vídeo diretamente nos aplicativos. O TikTok, por exemplo, disponibiliza o CapCut<sup>4</sup>, um editor intuitivo que permite cortes rápidos, inserção de efeitos, legendas e transições. Essas ferramentas eliminam barreiras técnicas e permitem que os usuários recombinem trechos de vídeos, sobreponham elementos visuais e sonoros e reconstruam narrativas de forma dinâmica, em um processo que se assemelha a um jogo de corte e cola, levando em conta a vasta biblioteca de conteúdo que a internet disponibiliza de forma aberta.

Atendendo a diferentes propósitos, esse tipo de mídia pode ser empregado para: contextualizar um vídeo original, imitar conteúdos de forma humorística ou estilística, estabelecer comparações, apresentar informações adicionais ou até ampliar o alcance de um material específico. Estudos sobre como essa estratégia pode aumentar o engajamento digital e fomentar discussões entre os usuários podem ser debatidos, especialmente quando utilizados em contextos políticos – um cenário em expansão nas redes sociais.

O uso do *remix* na política, certamente, apresenta um potencial de veiculação sem precedentes. A ressignificação dos conteúdos pode alterar significativamente a percepção pública sobre determinados eventos e personagens, o que constitui o ponto central desta discussão. Tal dinâmica se exemplifica no caso da chamada “crise do Pix”.

Os sete vídeos selecionados para ilustrar o uso da mídia *remixada* nesse contexto apresentam construções modulares distintas. Não seguem uma estrutura padronizada; tratam-se de conteúdos mistos e oriundos de diversas fontes, incluindo materiais autorais dos próprios criadores. Foram escolhidos justamente por essa variedade na aplicação do *remix*, mesmo quando há certa desconexão entre os elementos utilizados – o que, ainda assim, revela uma clara intencionalidade comunicacional em suas combinações.

Antes de analisarmos essas produções e compreendermos de forma mais precisa como contribuem para a discussão política nas redes, é necessário

---

<sup>4</sup> O CapCut é um editor de vídeo gratuito da ByteDance, a mesma empresa do TikTok, com ferramentas avançadas para criar conteúdos dinâmicos.

contextualizar o cenário em que esse material foi criado, bem como identificar as figuras que protagonizaram as mídias originais que deram origem ao debate.

A compreensão do remix nas redes sociais contemporâneas exige, entretanto, considerar que essas práticas não circulam em ambientes neutros. As plataformas digitais constituem infraestruturas que organizam, hierarquizam e condicionam a visibilidade dos conteúdos. Van Dijck (2022) chama atenção para o caráter sistêmico da plataformização, mostrando que as plataformas articulam dimensões tecnológicas, econômicas e sociais e passam a interferir na organização dos fluxos comunicacionais. Desse modo, a circulação de um remix não depende exclusivamente das escolhas realizadas pelo produtor ou das ações de compartilhamento dos usuários, mas também das estruturas sociotécnicas que regulam sua distribuição e sua possibilidade de alcançar diferentes públicos.

Essa questão se torna particularmente relevante em plataformas fortemente baseadas em sistemas de recomendação, como o TikTok. Gillespie (2022) argumenta que recomendação, redução de alcance, promoção e hierarquização de conteúdos também devem ser compreendidas como formas de governança das plataformas. A visibilidade, portanto, não constitui apenas consequência espontânea das preferências do público: ela é produzida pela relação entre comportamento dos usuários, características dos conteúdos e mecanismos algorítmicos de seleção. No caso dos remixes políticos, essa dinâmica ajuda a compreender por que determinados recortes, montagens, reações e formatos conseguem ampliar sua circulação e participar de disputas pela atenção.

A dimensão da circulação também se mostra central para a compreensão da desinformação. Recuero et al. (2025) demonstram que os processos desinformativos contemporâneos não dependem necessariamente da produção de conteúdos inteiramente falsos, podendo operar por meio de enquadramentos enganosos, deslocamentos de contexto e utilização estratégica de informações ou fontes verdadeiras. Essa perspectiva é especialmente produtiva para a análise do remix, uma vez que a recombinação de materiais originalmente produzidos em outros contextos pode alterar seus sentidos sem necessariamente modificar cada fragmento utilizado. Assim, mais do que classificar isoladamente um conteúdo como verdadeiro ou falso, interessa observar como sua reorganização discursiva constrói interpretações e

participa da disputa narrativa. Nessa perspectiva, o remix político analisado neste estudo é entendido não somente como técnica de edição ou manifestação da cultura participativa, mas como prática comunicacional inserida em um ecossistema plataformizado, no qual apropriação, circulação, recomendação algorítmica e disputa pela atenção se articulam na produção de sentidos.

Nessa perspectiva, o remix político analisado neste estudo é entendido não somente como técnica de edição ou manifestação da cultura participativa, mas como prática comunicacional inserida em um ecossistema plataformizado, no qual apropriação, circulação, recomendação algorítmica e disputa pela atenção se articulam na produção de sentidos.

### 3. METODOLOGIA

A metodologia adotada é qualitativa, de base interpretativa, centrada na análise cultural e discursiva de conteúdos audiovisuais digitais tendo como base de análise dos vídeos a perspectivas de Lev Manovich (2005), que discute a modularidade computacional como característica do *remix*; e de Martins (2011), que aborda a transmídia como estratégia discursiva. Buscou-se identificar padrões na apropriação do *remix* e seus efeitos na circulação da informação, considerando as interações do público e as implicações para o debate político digital. O corpus é constituído por exemplos emblemáticos retirados de perfis no TikTok e Instagram, incluindo: Produções de Nikolas Ferreira e Erika Hilton; *Remixes* feitos por criadores anônimos; Conteúdo do portal Metrôpoles.

Esses casos são tratados como estudos de caso midiáticos, utilizados para ilustrar padrões e variações discursivas. Por meio da observação de *remixes* publicados nas redes sociais, o estudo identifica estratégias de ressignificação, circulação e disputa de narrativas políticas, considerando aspectos visuais, estruturais, simbólicos e atencionais das mídias analisadas. A intertextualidade, a modularidade e a performance comunicacional são categorias-chave para a leitura crítica dos materiais, ancorada em teorias da comunicação e da cultura digital.

O recorte empírico deu-se pela seleção de vídeos *remixados* na plataforma *TikTok*, entre a primeira e a terceira semana de janeiro de 2025, com base nas

declarações e interações dos parlamentares envolvidos na chamada "crise do Pix". Na busca por esse material, utilizou-se a ferramenta "buscar" da rede *TikTok*, sendo pesquisados os termos: "Pix", "Nikolas Ferreira", "Érika Hilton", "Taxação do Pix" e "Imposto do Pix". Por meio dessa busca textual — parte também sugerida de forma algorítmica pela própria plataforma —, obteve-se um universo amostral de mais de 100 vídeos produzidos em torno do tema.

Foram inicialmente identificados 115 vídeos por meio da ferramenta de busca do *TikTok*, todos relacionados ao debate sobre a chamada "crise do Pix". Após a aplicação dos critérios de identificação estabelecidos para a pesquisa, verificou-se que 22 vídeos apresentavam características de remix, entendidas, neste estudo, como operações de apropriação, recombinação e ressignificação de materiais preexistentes por meio de recursos como cortes, sobreposições, justaposições, reações e associação entre diferentes elementos audiovisuais. Os 93 vídeos restantes foram excluídos dessa etapa por não apresentarem tais características.

A partir desse conjunto de 22 remixes, foram selecionados intencionalmente sete vídeos para compor o corpus analítico da pesquisa. A seleção buscou contemplar a diversidade das estratégias identificadas no levantamento, considerando como critérios: a) diversidade das operações de edição e montagem; b) combinação de diferentes elementos midiáticos, como texto, imagem, áudio e vídeo; c) relação direta com os conteúdos protagonizados por Nikolas Ferreira e Erika Hilton; d) diversidade de posicionamentos discursivos, incluindo reforço, contestação, contextualização ou reinterpretação das narrativas; e e) presença de diferentes formatos de remix, como *react*, justaposição audiovisual, associação com conteúdos de entretenimento e montagem de caráter jornalístico.

Desse modo, os 22 vídeos constituíram o universo de remixes identificado na etapa de seleção, enquanto os sete casos escolhidos formaram o corpus efetivamente submetido à análise qualitativa aprofundada. A opção por esse recorte não teve finalidade de representatividade estatística, mas buscou reunir configurações distintas do fenômeno capazes de evidenciar as diferentes formas de apropriação, montagem e reconfiguração discursiva encontradas no material coletado.

Dessa forma, este estudo pretende contribuir para a compreensão das novas formas de produção e disseminação de conteúdo nas redes sociais, destacando o

*remix* como uma dessas ferramentas, capaz de ressignificar conteúdos e endossar disputas de narrativas no ambiente digital.

#### 4. A “CRISE PIX” E O USO DO *REMIX* NA VEICULAÇÃO DOS VÍDEOS

O elemento central de todo o caso foi a difusão de informações distorcidas com o objetivo de criar uma pressão política. As narrativas que circularam buscavam promover uma pré-interpretação da Instrução Normativa RFB nº 2.219/2024, que estabelecia a obrigatoriedade de prestação de informações à Receita Federal sobre operações financeiras, incluindo movimentações superiores a R\$ 5 mil para pessoas físicas e R\$ 15 mil para pessoas jurídicas. O que se insinuava nas redes era que tal normativa resultaria na taxação das operações via Pix. A norma, que entrou em vigor no início de 2025, foi revogada logo após sua publicação, em decorrência da repercussão negativa e da intensa pressão popular.

Nas redes sociais, diversos conteúdos foram produzidos sobre o tema, mas dois parlamentares ocuparam o centro do debate: Nikolas Ferreira e Erika Hilton. Suas produções multimidiáticas se destacaram tanto pelo expressivo engajamento quanto pela polarização que provocaram. O deputado federal Nikolas Ferreira, por exemplo, publicou em 14 de janeiro de 2025 um vídeo que, em apenas três dias, acumulou mais de 250 milhões de visualizações. O conteúdo foi amplamente utilizado em *remixes* nas plataformas Instagram e TikTok.

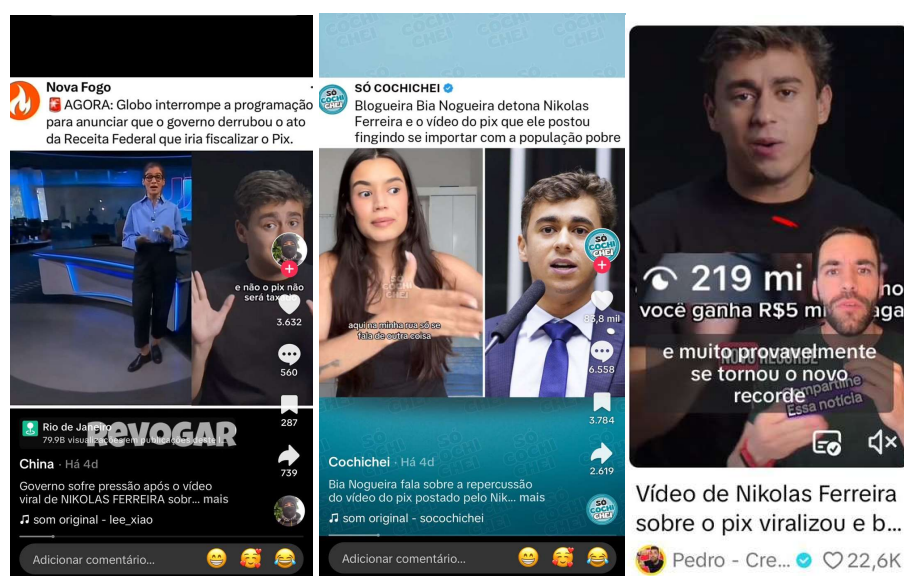
No vídeo, Ferreira critica a nova regulamentação, alegando que ela intensificaria a vigilância estatal sobre trabalhadores informais e pequenos empreendedores. Atribui ao presidente Lula a responsabilidade pela norma e, ao se posicionar como opositor político, sustenta que a medida teria como objetivo não aprimorar os serviços públicos, mas sim aumentar a arrecadação por meio de uma suposta “taxação do Pix”. Trechos desse vídeo foram utilizados em *remixes* majoritariamente de resposta crítica, embora alguns produtores também os tenham explorado com caráter informativo, apresentando resumos do conteúdo para contextualizar os espectadores.

Na Figura 2, são apresentados três exemplos que, a partir de uma identificação preliminar, possibilitam uma leitura estrutural da montagem de cada vídeo e dos

recursos midiáticos utilizados. Os conteúdos analisados mesclam texto, imagem e material audiovisual de origens diversas. Essa modularidade conferida a cada elemento tem propósitos específicos, sendo absorvida pelo espectador de maneira naturalizada, sem ruídos significativos na recepção da mensagem.

Tais "elementos modulares", reconhecidos coletivamente no imaginário social, ao se combinarem, constroem um discurso único e coeso. Observa-se que, nos dois primeiros vídeos, não há a presença do criador de conteúdo, mas sim de figuras públicas amplamente conhecidas: a jornalista Renata Vasconcellos e a influenciadora Bia Nogueira. Já o terceiro vídeo apresenta o próprio produtor de conteúdo, que adota um tom opinativo ao sobrepor seus comentários às imagens originais, em uma estrutura típica de *remix* interativo.

**Figura 2 - Remixes observados sobre o vídeo de Nikolas Ferreira**



Fonte: Reprodução da web nos perfis “China”, “Cochichei” e “Pedro” do TikTok  
Descrição: *Print Screen* de três materiais que *remixam* o vídeo de Nikolas Ferreira

Outro elemento modular interessante é o uso de uma chamada que emula uma publicação da rede social X (anteriormente conhecida como Twitter) – presente no primeiro e no segundo exemplo – e que explora a identificação e familiaridade do espectador ao reconhecer o formato e a interface da plataforma de origem. Essa estratégia serve como um suporte significativo, como se dissesse: “Leia este texto, pois

ele tem uma informação importante para você”. Isso ocorre porque a rede X (Twitter) é caracterizada pela veiculação de informações em textos curtos e de fácil compreensão.

A origem dessas mídias também confere características distintas aos vídeos analisados. O vídeo do deputado Nikolas Ferreira, acompanhado do noticiário apresentado pela jornalista Renata Vasconcellos no Jornal Nacional, transmite um valor distinto em comparação ao vídeo compartilhado pela blogueira Bia Nogueira, originado de seu próprio perfil. Enquanto o primeiro, com a presença de uma figura jornalística, carrega um valor de seriedade e credibilidade informativa, o segundo, por se tratar de uma influenciadora, transmite uma imagem de espontaneidade e de uma opinião mais popular.

De acordo com Barthes (2004, p.33), um texto “é um tecido de citações, saídas de inúmeros centros de cultura”, e sua visão sobre a intertextualidade pode enriquecer nossa compreensão sobre o *remix* nos casos analisados, destacando a composição do *remix* a partir de múltiplas referências culturais. Por exemplo, a carga cultural que cada vídeo, envolvendo as figuras de Nikolas Ferreira, Renata Vasconcellos e Bia Nogueira, carrega para o espectador permite que se compreenda o tom do vídeo muito antes das falas dos personagens, pois são figuras amplamente reconhecidas pelo público. Essa perspectiva é particularmente útil para analisar como uma peça comunicacional transforma diversos textos e elementos culturais ao mesmo tempo.

No terceiro exemplo de *remix* da Figura 2, temos produção autoral na estrutura do *remix*, o criador comenta e reage ao vídeo original de Nikolas, e por isso esse modelo também é conhecido nas redes como *react*<sup>5</sup>, onde criador e espectador assistem “juntos” o vídeo original. Essa dinâmica traz para as mídias uma atualização na produção, possibilitando uma nova maneira de se entender o conteúdo.

O interessante desse formato é justamente seu propósito. O ponto central acaba sendo a reação do produtor, não diretamente o conteúdo em si, que pode ser considerado mais um acessório. Diferente de um material jornalístico televisivo, que, por exemplo, pode utilizar sobreposição de áudio e vídeo de forma simultânea, mas

---

<sup>5</sup> Vídeo *react* é um formato de conteúdo em que uma pessoa assiste a um vídeo e reage a ele em tempo real, expressando suas opiniões, emoções e comentários, geralmente de forma espontânea e interativa. Esse tipo de vídeo é popular em plataformas como YouTube e TikTok, sendo utilizado para análises, entretenimento e engajamento com o público.

mantém o foco na informação, a similaridade com o *remix* pode até ser estrutural, mas não narrativa. No caso do *remix*, temos o material sendo reutilizado para a reconfiguração de seu significado com o propósito de sua produção, o que caracteriza a prática do *remix*.

O mais intrigante nessa montagem é que o significado do vídeo original raramente é mantido em sua integridade. Há uma variação de intenções e abordagens, pois o uso do material se dá como uma ferramenta acessória ao propósito da peça como um todo. O vídeo do deputado Nikolas Ferreira, nos três casos analisados, foi interpretado pelo criador do *remix* e mesclado a outras mídias para comunicar uma ideia complementar ou adversa à original.

Voltando à "crise do Pix", esse modelo de vídeo serviu como ferramenta de difusão. Muitos criadores veem nessas circunstâncias a oportunidade de "surfar na onda" de um tópico em alta, produzindo conteúdo com material que já está viralizando. Mas o caminho inverso também pode ser observado: a tentativa de viralizar um conteúdo por meio do *remix* é uma utilização estratégica, que não chega a ser uma produção de conteúdo original, mas uma mixagem de mídias já existentes.

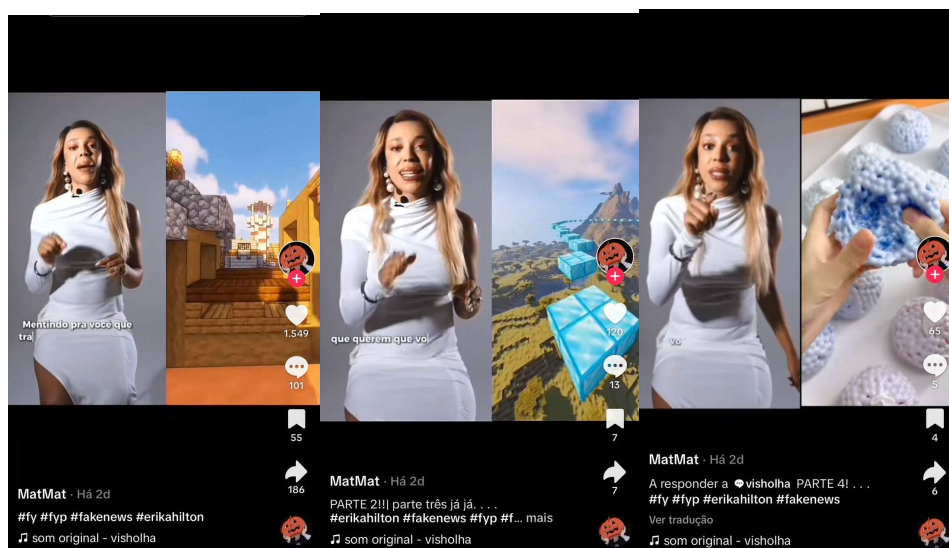
Para exemplificar, voltamos aos acontecimentos após toda a discussão sobre o vídeo viral de Nikolas. A deputada federal Erika Hilton fez sua publicação em resposta. No vídeo publicado em 18 de janeiro de 2025, a deputada desmente a alegação de que o governo Lula propôs taxar o Pix, afirmando que essa é uma estratégia da extrema direita – na qual inclui Nikolas – para manipular a população. E que a proposta do governo objetivava combater crimes financeiros. Ela critica a oposição por defender interesses de empresários milionários enquanto se opõe a medidas que beneficiam os trabalhadores.

Mas esse embate não se restringiu apenas à figura dos dois, pois toda a difusão levou os usuários a se envolverem na disputa de opinião. A massa contrária a Nikolas começou a engajar e compartilhar o vídeo de Erika, com a finalidade de repetir o alcance do vídeo anterior.

É nesse contexto que o *remix* se torna uma estratégia importante. Dentre as abordagens dos usuários para difundir o conteúdo, identificamos o *remix* de uma forma curiosa. A Figura 3 ilustra como o vídeo da deputada foi imbricado a outra mídia de origem completamente distinta. Embora essa utilização pareça supérflua e

despretensiosa à primeira vista, ela carrega um teor extremamente viral, que captura a atenção do espectador. Essa técnica consegue alcançar públicos que, originalmente, não teriam interesse nesse tipo de conteúdo político, mas acabam sendo induzidos a ouvir a mensagem por meio das imagens hiper-estimulantes do vídeo anexado.

**Figura 3 – Ferramenta de *remix* do Instagram**



Fonte: Perfil “MatMat” no TikTok

Descrição: Vídeo da deputada Erika Hilton acompanhado de imagens de gameplay e manuseio de *slime*

No primeiro e segundo vídeo, observamos a utilização de uma *gameplay* do popular jogo de simulação *Minecraft*, enquanto no terceiro, vemos uma pessoa manipulando um *slime*. Essas mídias não são escolhidas de forma aleatória; o efeito que elas geram, quando combinadas com a imagem da deputada, tem o objetivo de capturar a atenção de forma mais eficaz do que qualquer outro tipo de vídeo. Esse efeito é provocado pela imagem anexada, que serve como foco visual, enquanto o vídeo de Erika mantém o foco auditivo. Essa fórmula já é amplamente utilizada em muitos outros conteúdos, especialmente os humorísticos, mas seu uso no contexto político é algo recente.

A Internet é um sistema de interrupção, uma máquina voltada para dividir a atenção. Isso não é apenas um resultado de sua capacidade de exibir muitos tipos diferentes de mídia simultaneamente. Também resulta da facilidade com

que pode ser programada para enviar e receber mensagens (Carr, 2010, p. 105)

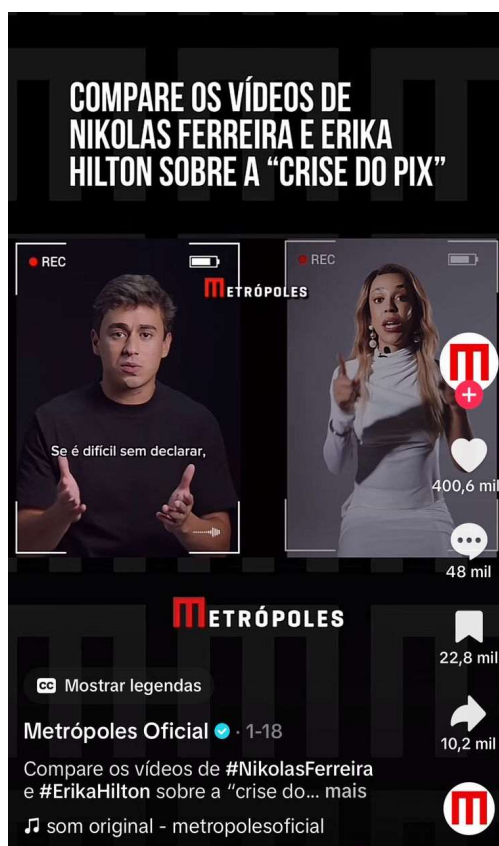
A busca por atenção, como discute Carr (2010), resulta em estratégias como essa, em que o estímulo sensorial não apenas amplia o alcance do conteúdo, mas também redefine a experiência do espectador. Esses elementos audiovisuais, cuidadosamente selecionados, operam como "gatilhos atencionais", mantendo o espectador engajado, mesmo que a mensagem original não tenha sido de seu interesse inicial. A sobreposição de discursos – o político e o lúdico – reforça a retenção da mensagem, explorando a distração como aliada na disseminação do conteúdo. Nossa observação até então se restringe a vídeos amadores publicados por perfis não jornalísticos, mas que utilizaram essas pautas e vídeos. Contudo, para entender a potencialidade do *remix* na produção de conteúdo, encontramos um exemplo que se utiliza do formato em uma produção jornalística institucionalizada.

O perfil *Metrópoles*, originalmente um portal de notícias *online*, consolidado através de seu site e presença ativa no Facebook e Twitter, tem se dedicado, nos últimos anos, à viralização de conteúdos em vídeo pelo TikTok e Instagram, com uma abordagem característica para essas redes.

A publicação do *Metrópoles* (Figura 4) apresenta um caso de *remix* ao dispor lado a lado as falas dos deputados Nikolas Ferreira e Erika Hilton. A composição visual do post reforça a oposição entre os discursos, utilizando as duas mídias simultaneamente para proporcionar uma compreensão das partes e do que cada uma representa. Nesse caso, se exploram tanto contrastes visuais quanto narrativos. A análise visual é feita por meio da identificação das cores, luz e composição de cada mídia. De um lado, temos Nikolas vestido de preto, em um fundo preto, e, do outro, Erika de branco, em um fundo branco. Toda essa construção, escolhida por cada um, é posta em discussão pelo *remix*.

Para o público, essa forma de representação é facilmente compreendida, de forma até semiótica, uma leitura do "bem *versus* mal" é automaticamente empregada. A dualidade que o vídeo representa já está enraizada no repertório cultural do usuário, a disposição simultânea somente facilita essa compreensão.

**Figura 4** – Vídeo de comparação das duas mídias no perfil Metrópolis



Fonte: Reprodução da web, extraída do veículo Metrópolis  
Descrição: Dois vídeos são posicionados lado a lado em forma de contraste

Partindo para uma compreensão narrativa, diferente dos outros exemplos, que mesmo tendo elementos modulares de origens distintas, mantinham uma unidade de significado, aqui encontramos o *remix* com uma abordagem diferente. A reprodução do vídeo acontece de forma sequencial, onde, na primeira metade, temos parte do vídeo de Nikolas e, na segunda metade, o vídeo de Erika. Acima, a chamada diz: “Compare os vídeos de Nikolas Ferreira e Erika Hilton sobre a crise do Pix”.

Observamos que não há um sentido diretamente claro. O que acontece é uma construção que provoca o usuário a comparar as duas mídias, entender suas falas e tomar suas próprias conclusões. A mídia, então, conduz a uma conclusão, mas não necessariamente deixa essa conclusão explícita em seu propósito. Esse tipo de *remix*, portanto, opera como um instrumento de esclarecimento, ao expor diferentes narrativas

de maneira simultânea e permitir que o público avalie criticamente os argumentos apresentados.

Essa abordagem feita pelo veículo *Metrópoles* tem grande efetividade e demonstra a capacidade dessa estrutura no jornalismo, estrutura que já é comum em vídeos nessas plataformas e que vem se fazendo presente em redações de veículos institucionalizados.

Por fim, após a descrição e análise detalhada dos vídeos sobre a “crise do Pix”, alguns pontos convergiram para responder à pergunta de pesquisa sobre como práticas de *remix* nas redes sociais operam como formas de mediação política e disputa de sentido no ambiente digital. Observou-se que o *remix* atua não apenas como recurso estético, mas como ferramenta crítica e política. Os vídeos reaproveitam conteúdos já circulados – como falas de parlamentares e reportagens – para construir novas narrativas, muitas vezes em contraposição direta ao sentido original.

Entre os achados principais, destacam-se: a resignificação constante de conteúdos políticos; a combinação de elementos midiáticos diversos em uma lógica modular e viral; o uso de recursos sensoriais e de entretenimento para captar atenção e engajar; e a exploração de figuras públicas como atalhos simbólicos para reforçar ou contestar discursos.

A análise permite, assim, identificar quatro operações recorrentes do remix político digital: a recombinação modular de materiais previamente circulados; a recontextualização discursiva, capaz de alterar ou disputar os sentidos atribuídos ao conteúdo original; a captura da atenção mediante a associação entre informação política e recursos de entretenimento; e a mobilização estratégica da circulação, pela qual conteúdos já dotados de visibilidade são reaproveitados na tentativa de ampliar o alcance de novas interpretações. Essas operações não aparecem de maneira isolada, mas combinadas em diferentes intensidades nos vídeos analisados.

## 5. CONCLUSÃO

A análise da “crise do Pix” evidencia que o remix atua como prática comunicacional de recontextualização e disputa de sentidos nas plataformas digitais. Nos vídeos analisados, falas políticas, conteúdos jornalísticos e elementos de

entretenimento são recortados e recombinações, produzindo novos enquadramentos que podem reforçar, contestar ou modificar os sentidos das mídias de origem.

Foram identificadas quatro operações recorrentes: recombinação modular, recontextualização discursiva, captura da atenção e circulação estratégica. Esses elementos mostram que o remix não se limita a uma técnica de edição, mas participa da construção e da circulação de narrativas políticas. Os achados dialogam com a modularidade discutida por Manovich (2005), com a cultura participativa de Jenkins (2009) e com a compreensão do remix como transformação de materiais preexistentes proposta por Navas (2012).

No caso analisado, formatos como *reacts*, justaposição de discursos, fragmentos jornalísticos e associação entre falas políticas e imagens de *gameplay* ou *slime* demonstram que o sentido do remix resulta das relações estabelecidas entre seus diferentes componentes. Sua dimensão política está, portanto, na capacidade de selecionar, reorganizar e reenquadrar discursos previamente circulados, interferindo nas formas pelas quais os acontecimentos são interpretados.

A principal contribuição do estudo está em compreender o remix político digital a partir da articulação entre modularidade, recontextualização, atenção e circulação. Essas dimensões podem servir como operadores analíticos para outras pesquisas sobre apropriação e disputa de narrativas em plataformas digitais, ultrapassando o caso específico da “crise do Pix”.

A pesquisa apresenta, contudo, algumas limitações. O corpus de sete vídeos foi selecionado intencionalmente a partir dos 22 remixes identificados entre os 115 conteúdos inicialmente localizados, não permitindo generalizações sobre a totalidade das publicações relacionadas ao episódio. Também devem ser considerados o recorte temporal restrito às três primeiras semanas de janeiro de 2025, a volatilidade dos conteúdos digitais e a influência de mecanismos algorítmicos sobre os resultados apresentados pela plataforma.

Assim, o remix pode ser compreendido como uma prática comunicacional capaz de reorganizar conteúdos existentes, produzir novos enquadramentos e participar das disputas de interpretação que caracterizam o ambiente político digital contemporâneo. Pesquisas futuras poderão ampliar o corpus, comparar diferentes

plataformas e investigar com maior profundidade a relação entre remix, circulação e recomendação algorítmica.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, John. ***Evolving the remix***. 2008. Thesis (Master of Arts in Electro-Acoustic Music) – Dartmouth College, Hanover, New Hampshire, 2008. Disponível em: <https://www.johnarroyo.com/files/thesis/JohnArroyo-EvolvingTheRemix.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2026.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BRASIL. Receita Federal do Brasil. **Instrução Normativa RFB nº 1.412, de 22 de novembro de 2013**. Brasília, DF: Receita Federal do Brasil, 2013. Disponível em: <http://normas.receita.fazenda.gov.br/sijut2consulta/link.action?idAto=140539>. Acesso em: 31 ago. 2026.

CARR, Nicholas. **A geração superficial**: o que a internet está fazendo com nossos cérebros. Rio de Janeiro: Agir, 2010.

GILLESPIE, Tarleton. *Do not recommend? Reduction as a form of content moderation*. **Social Media + Society**, v. 8, n. 3, 2022. DOI: 10.1177/20563051221117552. Acesso em: 31 ago. 2026.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Tradução de Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MANOVICH, Lev. **Remixability and modularity**. 2005. Disponível em: <https://manovich.net/index.php/projects/remixability-and-modularity>. Acesso em: 31 ago. 2026.

MARTINS, A. V. Experiência das narrativas cross e transmidiáticas no webjornalismo. **Logos**, v. 18, n. 1, 2011. DOI: 10.12957/logos.2011.1226. Acesso em: 31 ago. 2026.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

NAVAS, Eduardo. **Remix theory: the aesthetics of sampling**. New York: Springer, 2012.

RECUERO, Raquel; TAVARES, Camilla; VOLCAN, Taiane; POZZEBON, Martina; DUTRA, Manoela. A desinformação narrada pela checagem: estudo das eleições de 2018 e 2022. **E-Compós**, v. 28, p. 1-26, 2025. DOI: 10.30962/ecomps.3039. Acesso em: 31 ago. 2026.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, Lucia. As comunicações e as artes estão convergindo? **Revista Farol**, v. 1, n. 6, p. 20-44, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/farol/article/view/11533>. Acesso em: 31 ago. 2026.

VAN DIJCK, José. Ver a floresta por suas árvores: visualizando plataformação e sua governança. **MATRIZES**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 21-44, 2022. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v16i2p21-44. Acesso em: 31 ago. 2026.